

CO-EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA INTERGERACIONAL¹

Maria Angela Cabanilha de Souza MALTEMPI²

Resumo: O presente artigo comunica uma pesquisa ação que tem por objetivos, sensibilizar a comunidade para valorizar as trocas de experiências entre gerações, favorecendo a autonomia das pessoas, aumentando seu protagonismo social, ampliar o debate a respeito da CO-EDUCAÇÃO ENTRE AS GERAÇÕES como possibilidade de um envelhecimento saudável, famílias com uma comunicação mais fluída entre as gerações bem como uma sociedade mais desenvolvida e digna para todos. Trata-se de um projeto em andamento desde 2004, junto a coordenadoria de Extensão de uma Instituição de Ensino em parceria com a Secretaria Estadual de Educação, desenvolvendo ações com Idosos e adolescentes de 04 comunidades, envolvendo professores, alunos bolsistas e não bolsistas, intercambio de instituições e projetos e pessoas da comunidade. A apreensão dessa realidade de forma ainda parcial nos remete a seguinte afirmação: - As trocas intergeracionais já existem há muito; entre professores e alunos, entre pais e filhos, entre avós e netos, entre profissionais e demandas, escolas e instituições e sua clientela de crianças, adolescentes e jovens, entretanto, desvela-se o desconhecimento do processo de envelhecer, a dificuldade de aceitar o diferente confirmando a artificialidade e a discriminação com as pessoas mais velhas. Paradoxalmente temos a satisfação de ver, hoje, entre os professores e alunos uma nova postura diante dos obstáculos, dos preconceitos sociais, dos seus medos, dos seus valores em relação ao envelhecimento.

Palavras chaves: Conflitos familiares. Trocas intergeracionais. Envelhecimento.

ANTECEDENTES

¹ Projeto de extensão junto a Coordenadoria de extensão e assuntos Comunitários das Faculdades *Integradas Antônio Eufrásio de Toledo Presidente Prudente* – SP.

² Assistente Social, Mestre em Gerontologia. Professora no Curso de Serviço social, Coordenadora do Curso Toledo Aberta a Melhor Idade, membro suplente do Conselho Municipal do Idoso, sócia fundadora da Liga de geriatria e gerontologia de Pres. Prudente, Coordenadora do grupo de estudos: O envelhecimento populacional e a qualidade de vida do Brasileiro – aspectos biopsicossociais., Coordenadora do projeto Co-educação de Gerações. Coordenadora de cursos. da Assessoria – Assessoria e desenvolvimento de projetos S/C.

A problemática do envelhecimento humano não representa mais uma questão social que diz respeito somente aos idosos, pois o aumento de idosos na tábua demográfica é uma preocupação que afeta a sociedade Mundial e em especial a Brasileira, e diversos setores se mobilizam na busca de caminhos que obstaculizam a marginalização desta demanda. O processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos, é obrigação da sociedade e do Poder Público garantir o atendimento das necessidades da população mais velha, garantir a efetivação dos direitos oferecendo atendimento preferencial e imediato, destinação de recursos e na viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio dos idosos com as demais gerações.

A Lei nº 8.842 de 04.01.94 - Política Nacional do Idoso - regulamentada pelo Decreto nº 1.948, de 03/07/96, que descreve ações voltadas não apenas para os que estão velhos, mas àqueles que vão envelhecer, no sentido de garantir melhor qualidade de vida ao idoso. Na relação do que compete às instituições encontram-se importantes obrigações, como estimular a criação de locais de atendimento aos idosos, centros de convivência, casas-lar, oficinas de trabalho, atendimentos domiciliares e outros; apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade e impedir a discriminação do idoso e sua participação no mercado de trabalho. Na área da **EDUCAÇÃO E CULTURA** propõe-se instituir conteúdos gerontológicos nos currículos dos 03 estágios educacionais (fundamental, médio e superior); investir em programas de educação de gerações para o envelhecimento, a transmissão de conhecimentos e vivências às outras gerações para preservação da memória e identidades culturais; adequar currículos, metodologias e material didático das escolas, facilitando a leitura e o acesso para os idosos e ainda, aumentar divulgação dos programas culturais existentes para que as pessoas mais velhas sejam estimuladas a participar.

Nesse contexto encontram-se as Instituições de Ensino, das quais se exige, cada vez mais a priorização de atividades de pesquisa ligadas mais diretamente à interação com a sociedade, democratizando os conhecimentos gerados intramuros, contribuindo, desta forma, para o aperfeiçoamento, não só dos alunos, futuros profissionais, pesquisadores, como também da comunidade na qual a instituição está inserida.

O envelhecer tornou-se uma questão social, objeto de debates e pesquisas as Faculdades Integradas Antonio Eufrásio de Toledo, vem se dedicando, nos últimos anos de maneira mais intensa, aos estudos e ações gerontológicas, consubstanciados em estágios supervisionados, trabalhos de conclusão de cursos, e oferta do curso de Pós Graduação em Gerontologia em nível de especialização e o projeto Toledo Aberta à Melhor Idade implantado e em 2003, como parte integrante da Política de atendimento ao idosos, atua na perspectiva da inclusão social e a educação para a cidadania.

Em 2002 as Faculdades Integradas Antonio Eufrásio de Toledo implantou a COORDENADORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS.

Em 2004 iniciamos com o grupo de estudo e pesquisa, vinculado a coordenadoria de extensão, sobre a temática do envelhecimento, o objetivo principal era buscar formas de socializar e tornar produtivas para a sociedade a disponibilidade, o conhecimento e a experiência dos alunos, transformando-os em multiplicadores educacionais, especialmente para segmentos sociais em situação de risco; e criar

mecanismos que favoreçam a motivação, na busca de um novo projeto, que envolvesse discentes, docentes e pessoas de outras Instituições de ensino e Comunidade.

O resultado foi a publicação de um Guia para o cidadão idoso, resultante do envolvimento dos alunos e professores dos cursos de Serviço Social, Direito e Administração das Faculdades Integradas Antonio Eufrásio de Toledo e a implantação do projeto de pesquisa-ação “CO-EDUCAÇÃO – Uma proposta Intergeracional” que veio como resposta à inquietação do coordenador do grupo de estudo e prontamente problematizado pelos estudos e levantamentos do grupo, que era a necessidade de se mudar a atitude tanto dos idosos quanto dos jovens, para que se possa estabelecer um verdadeiro diálogo e uma convivência harmoniosa entre as gerações.

Desde então a Instituição de Ensino tem sido referência para os estudos gerontológicos, preparando docentes, motivando a pesquisa bem como, profissionais e comunidade a assumirem medidas na melhoria das condições de vida dos idosos, família e comunidade. Temos atuado no intercâmbio de ações com outras instituições, participando ativamente dos eventos envolvendo o envelhecimento, em especial os fóruns do Idoso do município, somos convidados a proferir cursos e palestras para diversas instituições, e responder como conhecedoras das questões do envelhecimento humano, as necessidades da mídia escrita, falada e televisiva em nível municipal e intermunicipal.

Na realidade a coordenadoria de Extensão e em especial o projeto Co-Educação tem contribuído para formação de uma rede de solidariedade, de criação de conhecimento bem como geradora de produções e serviços a comunidade.

Como o fazer da academia consiste em repensar seu significado frente a ciência e a sociedade, a partir da interdisciplinaridade, consideramos que este projeto de pesquisa possa se tornar em uma ação extensiva a todo território nacional.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo as projeções estatísticas da Organização Mundial de Saúde o Brasil deverá ser o sexto país do mundo em contingente de idosos até o ano 2025. Hoje os idosos representam 8,6% da população brasileira, um contingente de quase 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade. Em 2025 esse número será de 15%, ou seja, o Brasil contará com 32 milhões de idosos. O envelhecimento populacional do Brasil é o mais rápido do mundo.

Este é um quadro novo que apresenta o Brasil, não mais como um país de jovens, mas um país com alta taxa de idosos. Entretanto precisamos criar alternativas para acrescentar vida a estes anos conquistados, hoje a expectativa média de vida de um homem brasileiro aos 60 anos é de viver mais 16 anos, e a da mulher 19,5 anos. A criança que nasce hoje tem uma expectativa de vida de 72,8 anos, há de considerar que esta é uma projeção para regiões com um índice de qualidade de vida considerado digno para viver.

Estes dados são suficientes para propor alternativas de atenção a este segmento que vem ao encontro da Lei 8.842/94, regulamentada em 03/07/96 – Política Nacional

do Idoso. Esta lei garante a autonomia, integração e participação efetiva do idoso na sociedade, e sinaliza como instrumento de direito à cidadania.

A política brasileira em favor dos idosos pode ser sintetizada a partir de 05 objetivos:

Implantação do sistema de mobilização comunitária;

Atendimento institucional;

Assistência médica;

Formação de Recursos Humanos com visão gerontológica;

Preparação para aposentadoria.

São estabelecidas inúmeras competências dos órgãos e entidades públicas e privadas, nas áreas de promoção e assistência social, saúde, educação, trabalho e previdência social, habitação e urbanismo, justiça, cultura, esporte e lazer.

O grande desafio desta década será de garantir a formação de uma consciência coletiva visando construir uma sociedade para todas as idades e promover o envelhecimento bem sucedido, ou seja, manter a população que está envelhecendo ativa.

O envelhecimento é um processo natural, mas a velhice é uma categoria construída, é uma construção histórica e social produzida pela modernidade, pautada numa reflexão capitalista que valoriza o jovem que produz e que consome, isto deixa desvelar uma consciência coletiva de que o idoso seja oprimido pela dependência social e pelo isolamento.

Na relação entre jovens e velhos, é notória em nosso país, sobretudo nas classes médias e nas elites, uma visão distorcida e preconceituosa em relação aos idosos. Uma situação carregada de distanciamento ou indiferença, ou, muitas vezes, os preconceitos ostensivos e velados em relação à competência para política, para a vida social e cultural, para o trabalho, ou para simples convivência no lazer. Suas experiências e seu saber são dispensados, quando não desprezados, na sociedade que valoriza a inovação e subestima o antigo. O antigo tem de lutar para sobreviver, a sociedade contemporânea parece perder o sentido e a importância da memória histórica, cultural, artística ou até mesmo natural. Tudo se destrói em nome do progresso e da expressão econômica. Essa destruição e valores, faz os mais velhos sentirem-se integrantes perdidos no espaço.

Na sociedade cujo grande motor de pensamento é a indústria cultural, os meios de comunicação, rádio, TV, jornal, tem toda uma produção voltada para o jovem, veiculando mensagens, em que à exceção dos valores notáveis e celebres, o idoso é tratado como surdo, débil, sem opinião que se leve a sério, sem experiência de vida que deva ser levada em conta, sem condições de frequentar atividades grupais. Acreditamos que não é intrínseco ao jovem esse preconceito, essa discriminação em relação ao idoso, são condições econômicas e culturais muito específicas que criam e desenvolvem esses padrões. A velhice sempre foi encarada como estágio marginal e não normal da vida, a seguinte frase ilustra bem o que digo: - *velho é o outro, eu não ficarei assim*. Dessa disfunção surgem os preconceitos e estereótipos que definem as imagens do idoso predominantes na sociedade.

Entretanto, a população que está envelhecendo apresenta-se como uma nova categoria, expressão de um novo sujeito, que não é um velho acomodado e que se impõe com novas necessidades psicológicas, sociais, éticas e políticas.

A problemática social do idoso não representa mais uma questão social que diz respeito a eles próprios, pois o aumento desse grupo e os efeitos do seu isolamento, são circunstâncias que afetam a sociedade brasileira e já mobilizam importantes setores na busca de caminhos que obstaculizam sua crescente marginalização.

Em defesa dos idosos, iniciou-se um forte movimento nas últimas décadas, na tentativa de uma reavaliação de seu papel frente a sociedade. A imagem estereotipada da velhice tende a ser substituída por uma representação mais positiva. Envelhecer assume o significado de um novo tempo no qual a libertação dos compromissos possibilita a vivência de outras experiências. Nos últimos 05 anos a mídia tem se preocupado em discutir esta problemática, nem sempre de uma maneira positiva mas mesmo quando negativa torna-se positiva porque abre espaço para discussão e possíveis mudanças, as novelas, propagandas e documentários apresentam a nova realidade incluindo em sua programação a temática do envelhecimento.

A velhice, como mais uma etapa do ciclo de vida, sujeita a limites e possibilidades, exige políticas sociais específicas, com o objetivo de integrar o idoso no seu meio. Entretanto, é necessário compreender que a política para velhice, deve inserir no bojo de uma política social mais ampla de atendimento a outras idades, diminuindo a questão das desigualdades.

Trata-se também de responsabilizar a todos os segmentos da sociedade para a responsabilidade que tem de favorecer a independência dos idosos pela manutenção da sua autonomia, do limite máximo de suas responsabilidades, independente do grau de dificuldades singulares que possam apresentar.

A sociedade se preocupa com o engajamento dos indivíduos nas atividades produtivas, porém não assumiu como sua responsabilidade a preparação para a aposentadoria.

A situação dos aposentados é um dos graves problemas sociais que aflige a sociedade brasileira, as sucessivas transformações sociais a que foram submetidas todas as sociedades acabaram por conduzir os aposentados, a situações de absoluto desprestígio e isolamento. As consequências psicoemocionais desse isolamento são facilmente perceptíveis, fato diante do qual a sociedade se cala e se omite.

Se a sociedade, através de sua representação política, não tomar consciência da existência do problema, e agir no sentido de solucioná-lo antes que a população idosa atinja o “Boon”, a partir do ano 2025, a situação será agravada. Envelhecer com qualidade de vida será o principal desafio, com a redução das famílias, a probabilidade de as pessoas idosas terem com quem morar/ ficar será cada vez menor.

Ainda devemos nos preocupar com o atual sistema de aposentadoria, os dados sinalizam para o “kaos” do sistema previdenciário, nos próximos anos não teremos contribuintes suficientes para pagar os aposentados, e tem mais o atual programa considerado como o benefício da Lei Orgânica da Assistência Social –LOAS

provavelmente não sobreviverá, o que será dos milhões de idosos que hoje são os Homens e mulheres que trabalham na informalidade ou são os desempregados das estatísticas apresentadas pelo IBGE, por não conseguirem inserir-se no mercado de trabalho?

Quem é o Idoso? Que lugar ocupa em nossa sociedade?

A variada nomenclatura usada para designar o idoso – 3ª idade, novos velhos, maior idade, idade da experiência, maturidade, estágio avançado de vida, melhor idade, entre outros – tenta, sem muito sucesso, suavizar, no discurso, a estigmatização que os idosos vivem no cotidiano. Mais que o rótulo, o que importa é a superação do estigma a que os idosos são submetidos e a significação que adquirem na construção do espaço de cidadania como sujeitos históricos. Mercadante (1998), constatou em sua pesquisa que as pessoas idosas preferem o uso do termo 3ª idade à velhice, por considerarem que o 1º apresenta uma perspectiva de possibilidades e de novos significados em suas vidas.

De modo geral, a 3ª idade se estabelece quando o indivíduo se desvincula do processo produtivo formal, numa dimensão social podemos designar idoso :

50 – 65 anos os que aposentam cedo.

65 – 75 anos os aposentados.

75 – 84 anos os idosos em risco.

mais de 85 anos os idosos mais velhos.

Vargas (1994), considerando a definição operacional da Organização Mundial de Saúde que estabelece 60 anos o limite entre maturidade e velhice para os países em desenvolvimento, e 65 anos para os desenvolvidos, apresentou uma divisão muito interessante para fixar fases na vida humana:

1ª idade: infância e adolescência (0 – 19 anos);

2ª idade: maturidade (20 – 59 anos);

3ª idade: velhice incipiente (60 – 80 anos);

4ª idade: senescência (80 – 100 anos);

5ª idade: pós-senescência (acima de 100 anos).

Contudo, a interpretação científica atual dá ênfase à variação individual, ou seja, envelhecer não representa, simplesmente, uma série de mudanças biológicas. A velhice não é uma condição homogênea, a postura do indivíduo diante da passagem do tempo é pessoal, muitas vezes, ele não percebe, ou não quer perceber que está envelhecendo, outros nunca se sentirão velhos. Mas, além dos fatores de ordem pessoal há outras interferências como educação, condição financeira, etnia, lugar de residência, condições de saúde e repertórios de lazer.

A inserção do idoso na sociedade ainda aparece de forma estereotipada. Os programas oferecidos a esse segmento carecem de efetividade, pois são programas que não levam em conta questões subjetivas de cada grupo de idoso. Os programas públicos atuais de atenção ao idoso também não consideram essas diferenças e, por isso, não cumprem, adequadamente, seus propósitos. Os bailes da terceira idade, por exemplo, já se tornaram sinônimos de inatividade.

A sociedade precisa repensar sua relação com a velhice. A maioria dos idosos têm capacidade de ser social e fisicamente ativos e de contribuir com a sociedade. Eles

podem aprender, podem modificar-se e, sobretudo, ensinar. Valorizar as trocas intergeracionais, utilizar a experiência dos mais velhos dinamiza e fortalece os relacionamentos sociais, profissionais, intelectuais e afetivos tanto no ambiente familiar como no profissional. Em minha pesquisa sobre a cultura das organizações em relação ao envelhecimento, constato que a experiência trazida pela idade não é sinônimo de competência; ao contrário, em muitas organizações as pessoas idosas travam uma verdadeira batalha com os mais jovens, não para ensiná-los, mas para não serem atropelados.

A modernidade trouxe muitos avanços, um dos principais é o alcance de uma vida mais longa, no entanto, trouxe também o distanciamento entre as gerações. A escolarização das crianças a partir do século XVIII e a invenção da aposentadoria e da velhice no século XX, colaboraram para o estabelecimento das classificações etárias e para a definição dos espaços sociais. Na sociedade moderna facilmente constatamos a separação das faixas de idade, crianças, adolescentes, adultos e velhos, com estereótipos reconhecidos a cada faixa etária; ocupam também áreas reservadas, como escola, creches, escritórios, asilos, locais de lazer etc.

Longe de pretender rotular cada grupo etário, apontarei agora para algumas características que são mais comuns às faixas de idade sobre as quais me dispus a refletir: a adolescência e os adultos velhos.

Os jovens têm pressa. A impetuosidade, a intempestividade, os temas apaixonantes, as causas justas, a rapidez de raciocínio, o movimento para se expandir, a onipotência, fazem o jovem pensar em muitas coisas ao mesmo tempo e a colocar em ação muitas delas. Eles não temem os obstáculos e em geral têm saídas maravilhosas para os impasses. As idéias surgem como tempestades. Os mais novos de vez em quando tentam infringir os limites.

Com o passar dos anos há uma tendência a uma vida mais contemplativa. Há uma expansão da espiritualidade e da religiosidade; os valores morais são mais internalizados; aumenta a solidariedade, talvez porque as pessoas mais velhas achem que elas, em breve, precisarão de ajuda. Há a melhor utilização da experiência de vida acumulada para benefícios pessoais, familiares e comunidades; há maior seletividade nos relacionamentos afetivos e sociais; há uma tendência a revisitar o passado. Ao contrário do que se pensa, os idosos sadios sentem-se felizes e embora em alguns sobressaia o sentimento nostálgico, gostam de trabalhar para mudanças futuras, de fazerem um balanço de suas vidas e de seus familiares, além de desejarem cuidar ou serem cuidados.

Pode-se imaginar quão rica esta troca pode ser! A articulação de características tão relevantes para um trabalho conjunto trará sem dúvidas resultados excelentes. Os jovens podem retificar a imagem distorcida que têm dos idosos, modificar relacionamento com avós e avôs, desenvolver a solidariedade e a cooperatividade, lidar melhor com regras e limites, compreender a importância dos idosos se voltarem para o passado, pois esta é a sustentação para mudanças futuras.

Por outro lado os idosos se sentirão úteis, menos solitários, aumentarão a auto-estima que pode estar diminuída pelas constantes perdas e pelo descrédito que ainda paira sobre eles, poderão lidar com um outro tipo de autoridade, descobrirão muito do seu potencial e estabelecerão uma relação de mais confiança com os mais jovens.

Ambos, jovens e idosos, poderão descobrir que é possível ter um vínculo de afeto com um membro de outra geração, que este vínculo pode ser motivador para juntos construírem projetos.

Conflitos Intergeracionais

"Nosso mundo atingiu seu ponto crítico. Os filhos não ouvem mais seus pais. O fim do mundo não pode estar muito longe".

Sacerdote (2.000 a.C.)

"Nossa juventude adora o luxo, é mal-educada, caçoa da autoridade e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Nossos filhos hoje são verdadeiros tiranos. Eles não se levantam quando uma pessoa idosa entra, respondem a seus pais e são simplesmente maus".

Sócrates (470-399 a.C.)

O que é conflito? È uma situação que surge quando sente-se que estás prestes a perder algo que deseja, gosta, precisa; um desacordo com alguma pessoa pode ter a forma de uma diferença de interesses, crenças, opiniões, sentimentos, necessidades. Ou seja, os conflitos são subjetivos, mais que objetivos.

Os conflitos são co-construídos, implica que as atuações educativas não se referem a apenas um sujeito, mas a família, comunidade e obviamente as instituições.

Iniciamos o século XXI propondo uma outra concepção de velhice, tentando transpor alguns paradigmas, preconceitos e rompendo com a idéia fantasiosa de que só existem idosos abandonados, miseráveis, doentes, morando nos asilos. Como se o universo de idosos fossem compostos só por essa amostra que é real, mas que não corresponde com a totalidade. Um olhar ampliado desvela idosos atuantes, portadores de uma nova identidade, criadora de uma nova economia, de uma nova sociedade e de uma nova cultura, que interessa a todas as gerações.

As ações voltadas aos idosos apesar de serem positivas correm o risco de se apresentarem como uma forma de segregação. Ainda são poucos os programas com ações intergeracionais. Os idosos ainda precisam estar inseridos socialmente junto a pessoas de outras gerações, numa troca mais igualitária em favor da sociedade em geral.

A situação nos leva a uma reflexão sobre a questão dos conflitos geracionais justamente por estarmos num momento onde os valores individuais sobrepõem aos coletivos, desvelando sobretudo a intolerância, em relação a gênero, cultura, etnia, religiosidade, classe social, etc. gerando uma violência escancarada, tanto no âmbito público mas especialmente no âmbito privado. Percebe-se que a linha que separa o espaço privado do lar, da comunidade em relação ao público está cada momento, mais tênue, invadida talvez pelos meios de comunicação que propagam interesses de grupos hegemônicos mais estimulados pela gana do ter, questões ideológicas e éticas são usadas quando podem justificar privilégios e ou interesses.

Os conflitos, os cuidados mútuos, a diferença dos avós de agora para os de meados do século XX, a vontade dos mais velhos de serem aceitos e tornarem-se úteis, os pontos de encontro e desencontro que passam adolescentes e adultos jovens nesta fase de visível transição familiar.

A partir desta constatação me parece ainda mais motivador a possibilidade dos encontros intergeracionais.

Gostaria de tecer algumas considerações, que podem propiciar o encontro de diferentes gerações, criar estratégias e técnicas que propiciem estar discutindo temas referentes às características, necessidades, preocupações, semelhanças e diferenças intra e intergerações, conflitos e possibilidades de intercâmbio entre pessoas de faixas etárias bastante diferentes. O encontro é um locus ímpar para assimilação de novas atitudes, promovendo mudanças rápidas e eficientes, permite que se veja uma mesma situação de maneiras diferentes, favorecendo o respeito às diferenças. O encontro informa, esclarece, reorganiza, e o estar em relação com outros pares, apóia e melhora o relacionamento interpessoal e neste sentido, o compartilhar faz descobrir identificações. Nele as pessoas podem tomar consciência dos seus traços mais individuais, dos seus medos, do que acha que deve ser guardado como segredo, dos sentimentos mais ocultos, que podem ou não ser partilhados, de suas preferências, de seus gostos, de sua função e do seu papel.

A co-educação de gerações deve ser pensada a partir de um novo paradigma, a geração de mundos possíveis entre pessoas de idades diferentes, de interesses e desejos diferentes, em que o confronto decorrente dessas diferenças (conflitos) por ser conduzido sem gerar opressão, sentimentos que justificam a intolerância, a violência em suas diversas formas.

Motivada por uma compreensão de mundo ampliada e dos relacionamentos interpessoais que endossam o não reducionismo, entendo que o conflito é condição de nossa diferenciação enquanto humanos e não como intermediário de uma estrutura de privilégios, que visa à submissão de um sobre o outro.

Pensar em ações intergeracionais é pensar também no que seus membros têm para oferecer uns para os outros, sem paternalismo ou protecionismo. A interação entre as gerações desvela interesses, experiências e motivações que podem contribuir para os novos rumos a serem tomados.

Os temas discutidos entre os participantes podem seguir para o planejamento de práticas sociais, educativas, promotoras de saúde, atividades culturais, abrindo um espaço às possibilidades de atuação.

Por fim viriam as ações em si, as quais seriam sempre avaliadas, tornando-se gratificantes, contribuindo para a partilha de conhecimento, gerando relações positivas, cidadãs, humanizadoras e geradoras de afeto e consideração.

A idéia de formar grupos intergeracionais não é a de fomentar relações de amizade por semelhanças ou identificações, de tal forma que os amigos participem de programas sociais e de lazer juntos, mas a de utilizar as diferenças em favor dos membros do grupo e de toda a sociedade. Lembro que é mais comum o estabelecimento de laços de amizade com pessoas de idades próximas e isso decorre pelo fato de haver interesse comum e não discriminação. Por exemplo, um jovem de 16 anos não irá bater papo todos os dias com uma amiga de 75. Não se trata de ensinar nem aprender e sim de incorporar novas realidades que, com um efeito cumulativo, transbordará do grupo para

fora. Viver uma nova realidade, onde a diferença pode levar a transformações num âmbito maior, é contribuir para que muitas outras pessoas se sintam mais felizes.

Os encontros intergeracionais também poderão trazer barreiras e impasses. As pessoas que gostam de dar conselhos, as reações mais agressivas, os sinais de impaciência, as competições, as tentativas de fazer alianças excluindo outros membros, são resistências que deverão ser ultrapassadas por um ou dois estagiários com experiência, favorecendo o diálogo e a tolerância. Há de se pensar em temas, técnicas, recursos e uma boa forma de manejar o grupo, dentro de uma metodologia passível de atingir os objetivos desejados.

O PROJETO

O grande desafio, a qual nos propomos é de garantir uma consciência coletiva visando construir uma sociedade para todas as idades e promover o envelhecimento bem sucedido, ou seja, conquistarmos o direito de viver dignamente em todas as idades.

Estender a discussão para além dos quartos dos lares, dirigindo-se à prevenção de sofrimentos, à promoção da saúde do tecido social e à convivência positiva entre os mais velhos e os mais jovens, pressupondo que essa atitude enriquece o saber dos indivíduos, e resulta em famílias mais felizes.

Um bom momento para pensar no envelhecimento é na juventude, pode-se viver bem a idade madura se houver preparo com antecedência. A postura da pessoa diante da passagem do tempo é pessoal. O importante é não parar de perceber novas POSSIBILIDADES, é nelas que construímos nossos objetivos.

Entendo que a participação ativa de pessoas de gerações diferentes terá como foco principal a iniciativa de transformar a realidade à sua volta, a partir da percepção do contexto ambiental, este, repleto de significados, onde, a partir da aceitação de uns pelos outros, encontrarão neste espaço de convivência, um modo de descobrir o ressignificado de suas vidas.

A adesão de uma causa social, por parte dos jovens, é muito significativa pois propicia o resgate de valores, tais como a solidariedade, a utilidade, igualdade e o amor, resgatar a si mesmos buscando compreender sua missão neste mundo.

A tomada de consciência de si próprio como um ser de possibilidades, com responsabilidade social e ética, coloca o jovem no centro da mola propulsora destacando a valorização da contribuição de cada um para que o todo seja viabilizado.

Objetivos :

Geral:

Sensibilizar a comunidade para valorizar as trocas de experiências entre gerações, no contexto de uma sociedade que é muita rica em sua cultura, mas que, ao segregar as faixas etárias, desenvolve o preconceito etário, ampliando o debate a respeito da CO-EDUCAÇÃO ENTRE AS GERAÇÕES como possibilidade de um envelhecimento saudável, famílias com uma comunicação mais fluída entre as gerações bem como uma sociedade mais desenvolvida e digna para todos.

Específicos:

- ✓ Favorecer a autonomia das pessoas, aumentando seu protagonismo.
- ✓ Humanizar as pessoas em relação as outras, ajudando a transcenderem seus pressupostos e perceberem uns aos outros como pessoas reais, com necessidades diferentes.
- ✓ Facilitar o diálogo entre os envolvidos, por meio de oportunidades de contato, convivência e comunicação, propiciando meios em que as duas gerações possam se orgulhar uma da outra, entendendo as transformações que ocorrem no mundo de uma época para outra.
- ✓ Possibilitar uma comunicação mais fluida entre as gerações.
- ✓ Sensibilizar a sociedade sobre a necessidade de se investir em programas intergeracionais para uma melhoria da saúde global da família e da sociedade.
- ✓ Elevar a auto-estima do idoso e do jovem, discutindo-se questões de complementaridade das duas gerações, os jovens, pelo conhecimento da modernidade informacional, o idoso, pela experiência e pela sabedoria de continuar aprendendo.
- ✓ Discutir valores e crenças formuladas pela sociedade sobre o envelhecimento, e que a atitude positiva diante da velhice é fator determinante para que se tenha um envelhecimento saudável.
- ✓ Oferecer pistas para a problemática atual do idoso, através de ações sociais conjuntas, que envolvam pelo menos duas gerações, considerando a ênfase na pluralidade, na multiplicidade e na diversidade e as práticas multidisciplinares apontadas pelas circunstâncias pós-modernas.
- ✓ Evidenciar o papel estratégico das instituições de ensino neste empreendimento.

Sujeitos e método:

Este projeto teve início em 2003 tendo como parceiro a escola Centro Educacional PLURI, uma escola de ensino fundamental privada. O trabalho inicial foi com a 7ª série, a pretensão era ficar dois anos e avaliaríamos os alunos no final da 8ª série foi indicada a sala B, em virtude de já estar motivada para estas questões, pois já desenvolvia um trabalho na disciplina de Conhecimentos Sócio-Culturais, sendo indicada como classe piloto. Tivemos bons resultados nos encontro entre os alunos do curso da Melhor idade da Toledo e com os jovens adolescentes. Em 2004 o projeto foi avaliado como um projeto efetivo, que influenciou mudanças de atitudes dos jovens no que tange a afetividade, reconhecimento e mudanças valorativas em relação aos idosos. Existindo a intenção de ampliar o projeto em escolas públicas não continuamos nesta escola, pois não tínhamos recursos humanos para tanto, optamos em sair para as escolas públicas, embora as atividades permaneceram sob a responsabilidade da diretora e professores do Centro Educacional Pluri.

Em 2005 iniciamos os trabalhos nas escolas Públicas estabelecendo uma parceria com a Secretaria Municipal de ensino, nos indicado quatro escolas (Pilotos) onde freqüentam pessoas das camadas de nível econômico médio baixo e baixo, da população urbana. O primeiro requisito para escolher as escolas foi a densidade demográfica de idosos naquelas zonas e o segundo, a escola deveria desenvolver o programa Escola da Família, e que possibilitasse nossa atuação nos finais de semana. Optamos por trabalhar com alunos que estudam a sétima série, esta escolha foi feita por dois motivos, primeiro porque consideramos que estes jovens estão numa idade (13, 14 anos) que é marcada pela intransigência, mas também por mudanças efetivas em sua

estrutura pessoal, também são motivados e ávidos por mudanças; e em segundo, porque consideramos dois anos de acompanhamento como sendo o possível dentro das metas propostas.

Delimitado o universo, delimitamos então os sujeitos da pesquisa ação, que ficou assim constituído: adolescentes, famílias e em especial os avós dos alunos, professores, funcionários das escolas, idosos participantes do programa Toledo Aberta a Melhor Idade, alunos bolsistas e não bolsistas, intercambio de instituições e projetos, e pessoas da comunidade que tenham interesse em participar.

Para tanto, consideramos ter como parceiros a Secretaria Estadual de Educação, a Prefeitura Municipal - Secretaria Cultura, Outras instituições de ensino como a Universidade Estadual Paulista-UNESP e outras instituições que forem necessárias a execução das atividades propostas nas etapas apresentadas abaixo.

1º Etapa: Já realizada:

Encontros semanais para o levantamento das zonas urbanas onde o projeto será implantado.

Avaliação das escolas que oferecem a demanda necessária para que o projeto fosse implantado.

Sensibilização dos dirigentes de Ensino de Presidente Prudente, afim de ressaltar a importância de projetos intergeracionais.

Apresentação do projeto para diretores, professores e funcionários das escolas escolhidas através de atividades lúdicas e teóricas, tendo estes como ponto de referência e de apoio para a implementação do projeto.

Encontros com os professores nas reuniões de de planejamento- HTPC onde o professor receberá informações e técnicas para incluir a problemática central de pesquisas no conteúdo programático de sua disciplina.

Desenvolvimento de temas a serem explorados e criados em conjunto (professor-escola-projeto).

Suporte e assessoria de materiais didáticos aos professores, para serem trabalhados junto aos alunos, dentro da sala de aula, de acordo com o conteúdo programático da disciplina.

Encontro com os professores para esclarecimento de dúvidas quanto necessário.

Atuação em sala de aula com o professor para o desenvolvimento do tema.

Participação em reuniões de pais e mestres para apresentar o projeto aos pais, avós e comunidade.

2º Etapa:

Programada para iniciar em agosto 2006. Encontro com os alunos e familiares para desenvolvimento das oficinas, que serão de duas naturezas:

Lúdicas: Aos finais de semana, com atividades intergeracionais que envolvam: Música, dança, teatro, cultura popular de contadores de histórias tendo como protagonistas os idosos. Complementação do conteúdo programático escolar através de trocas de experiências entre idosos e jovens, trabalhando temas como envelhecimento saudável, violência entre outras questões contemporâneas. Baú de reminiscências através de criação literária e fotográfica. Expressão corporal, atividades físicas, entre outras atividades que possam surgir.

Teóricas: Palestras. Grupos de debates. Seminários. Apresentações de trabalhos sobre temas como motivação e auto-estima, declarações de experiências pelo grupo de alunos da Melhor Idade da Toledo e de outros programas de cidade, entre outros.

Divulgação (mídia escrita, falada e televisiva) dos trabalhos que serão realizados nos finais de semana, aos alunos e familiares.

Manutenção do projeto

A coleta de dados para o controle das ações e adequação das metas são feitas por formulários, observação planejada, entrevista aberta de livres discussões e análise documental. Nível de participação nos eventos, envolvimento dos parceiros. A análise será feita a cada trimestre de forma qualitativa e quantitativa. Comprovada por fotos, filmagens e relatórios.

Resultados esperados (metas)

- ✓ Integração da Instituição de Ensino com a comunidade externa.
- ✓ Solidificação dos objetivos do programa TOLEDO ABERTA A MELHOR IDADE e expandir os benefícios que o mesmo proporciona as pessoas que dele participam.
- ✓ Impacto social de alto grau, devido a condição de urgência de programas voltados a esta demanda considerando o acelerado envelhecimento populacional brasileiro.

- ✓ Divulgação do nome da Instituição, alunos e parceiros em apresentações, produções acadêmicas e materiais de divulgação do projeto. Promovendo possibilidades de debates entre especialistas.
- ✓ Melhora significativa na qualidade do tecido social que envolve as pessoas, famílias e Instituições.
- ✓ Melhora na comunicação entre os professores, funcionários e alunos.
- ✓ Aumento da participação das famílias nos eventos das escolas.
- ✓ Envolvimento da mídia proporcionando o debate da problemática do envelhecimento bem como aumentando o conhecimento às famílias que vivenciam s conflitos intergeracionais.
- ✓ Produção de produtos acadêmicos, tais como monografias, artigos, participação em encontros científicos, Fórum de debates entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conflitos intergeracionais estarão sempre presentes, cabe aos homens encontrarem caminhos e alternativas que viabilizam a expansão do conhecimento e do

saber com vista à promoção e ao bem estar social de todos, além da construção de um mundo mais justo, humano e afetuoso.

Estamos construindo juntos, um ambiente favorável ao fortalecimento dos mais velhos e aumento da segurança dos mais jovens, da auto-imagens positivas. Sem dúvida isto, se extrapola para a família, escola e comunidade. Valorizar a troca de experiências, valorizar as histórias individuais e coletivas, nos leva ao engajamento biopsicossocial.

Este pouco tempo de ação desvela o desconhecimento do processo de envelhecer, a dificuldade de aceitar o diferente confirmando a artificialidade e a discriminação com as pessoas mais velhas.

Paradoxalmente temos a satisfação de ver, hoje, entre os professores e alunos uma nova postura diante dos obstáculos, dos preconceitos sociais, dos seus medos, e que, sem dúvida, isto irá estender-se aos familiares e comunidade, temos contribuído para mudar paradigmas de envelhecimento patológico.

BIBLIOGRAFIA:

Destacamos alguns autores, nos quais nos apoiamos para a reflexão do grupo de estudos, destacamos que os mesmos fazem uma reflexão sobre o envelhecimento, e que perpassa a especialidade, fazendo com que busquemos como ponto em comum a reflexão gerontológica, ou seja, a preocupação com o envelhecimento populacional e maneiras de fazê-lo com qualidade de vida que proporcione, saúde, dignidade, autonomia e felicidade para todos os homens.

BRASIL. Ministério da Previdência e assistência social. Secretaria da Assistência Social. **Plano integrado de ação governamental para o desenvolvimento da Política Nacional do Idoso**. Brasília: 1997.

BEUVOIR, S. **A velhice**. RJ.: Nova Fronteira, 1990.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da Memória**. RJ.: Ed. Campus, 1997

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. SP.:SESC, 1980. Série Lazer.

MERCADANTE, E. F. **A construção da identidade e da subjetividade do idoso. Tese de doutoramento**. PUC/SP. Mimeo, 1997.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. SP: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MUSZKAT, Malvina (org) **Mediação de Conflitos-** pacificando e prevenindo a violência, SP. Summus, 2003.

PAPALEO NETTO, Matheus. **Gerontologia**. São Paulo: Ed. Atheneu, 1996.- Vários colaboradores.

VARGAS, Heber Soares. **Psicologia do Envelhecimento**. São Paulo: Fundo editorial-BYK-Prociencx, 1983.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice – Aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre; Artes Médicas Sul, 2000.

